



Vol. 22, nº 1 (2022)

DOI: 10.30681/issn22379304v22n01/2022p83-98

**NO BAÚ DE PECADOS, A LUXÚRIA: A PERSONAGEM FEMININA
NA CONTÍSTICA DE AGNALDO RODRIGUES DA SILVA**

**IN THE BAÚ DE PECADOS, LUST: THE FEMALE CHARACTER IN
AGNALDO RODRIGUES DA SILVA'S CONTISTICS**

Lucimaira da Silva Ferreira¹

Recebimento do Texto: 07/05/2022

Data de Aceite: 05/06/2022

RESUMO: Este texto analisa a personagem feminina no conto “Luxúria”, de Agnaldo Rodrigues da Silva, à luz da teoria de Carlos Reis. O conto foi publicado em 2020, em um livro intitulado *Baú de pecados*, pela editora Carlini & Caniato. Trata-se de uma coletânea de dezoito contos ficcionais que abordam temáticas que se entrelaçam, entre as quais: mitos, mitologias, lendas e crenças. “Luxúria” compõe a parte de mitologias e traz a figura feminina como protagonista. No conto escolhido como *corpus* desta análise, o feminino é tomado como eixo da discussão, a partir da releitura de Maria Madalena, personagem bíblica, que, na construção do autor, adquire roupagens contemporâneas.

PALAVRAS-CHAVES: Literatura mato-grossense. Agnaldo Rodrigues da Silva. *Baú de pecados*. Luxúria. Figuração.

ABSTRACT: This text analyzes the female character of the short story “Luxúria”, by Agnaldo Rodrigues da Silva, in the light of the theories of Carlos Reis. The short story was published in 2020, in a book entitled *Baú de filho*, by the publisher Carlini Caniato. It is a collection of eighteen fictional tales that address various subjects, including: myths, mythology and the seven deadly sins, legends and beliefs. In the short story chosen for analysis, the protagonist of the short story *Luxúria* will be presented, in a reinterpretation of the figure of the biblical Mary Magdalene focused on the theme of the character.

KEYWORDS: Mato Grosso Literature. Agnaldo Rodrigues da Silva. Sin chest. Lust. Figuration.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGEL/UNEMAT), do Câmpus de Tangará da Serra-MT. *E-mail:* lucimaira.ferreira@unemat.br



1. Introdução

Aginaldo Rodrigues da Silva é professor e escritor, reconhecido nos estudos literários e artísticos, no contexto da cultura mato-grossense. Sua escrita literária é bastante ampla e bem aceita, tornando-se um referencial dentro do Estado. Sua fortuna crítica compreende ficção (contos e teatro), crítica literária, teatral e das Artes Visuais. É sócio efetivo da Academia Mato-Grossense de Letras/Brasil, ocupando a Cadeira nº 10 e sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres, bem como professor da Universidade do Estado de Mato Grosso, com atuação no Curso de Letras e no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários/UNEMAT, nas áreas de Literatura Comparada, Literaturas Africanas, teatro e cinema.

Entre as obras de criação literária (contos), destacam-se: *A penumbra – contos de introspeção* (2004), *Mente Insana* (2008), *Dose de Cicuta* (2010) e *Baú de Pecados* (2020), além da peça teatral *Fantasma em Vila Maria* (2021). Das obras de crítica literária e teatral, podem-se citar: *O Futurismo e o Teatro* (2003), *Projeção de mitos e construção histórica no teatro trágico* (2008), *O teatro mato-grossense* (2010), *Escritos Culturais: literatura, arte e movimento* (2013), *Entre Letras e Memórias* (2014), *Nas entrelinhas do texto* (2012), *Esse entre-lugar da literatura: concepção estética e fronteiras* (2013), *Diálogo entre literatura e outras artes* (2014), *Do texto à cena - entre o teatro grego e o moderno teatro brasileiro* (2014), *A teoria e a prática na articulação de saberes* (2013), *Plínio Marcos – o signo de um tempo mau* (coautor, 2016), *Trajectórias culturais e literárias nas ilhas do equador – estudos sobre São Tomé e Príncipe* (2018), *Literatura e cultura de Cabo Verde – Navegando pelas ilhas e pelo mundo*



(2021), *A presença da Ausência – a subalternidade na dramaturgia (bem dita de Plínio Marcos* (coautor, 2021), entre outras.

Baú de Pecados é uma coletânea de contos que, na sua segunda parte, intitulada “mitologias”, traz a narrativa “Luxúria”. Maria Madalena, protagonista do conto, é uma leitura de outra da personagem das Escrituras Sagradas, recriada na perspectiva da transgressão, em um espaço altamente psicológico. Observa-se a presença do medo que empurra a protagonista ao isolamento, impedindo-a de avançar rumo à igreja, ambiente sagrado. O texto descreve um tipo característico de mulher que vive a vida à sua maneira, sem se importar com as convenções sociais e nem religiosa, traçando, ao que parece, o próprio destino.

A protagonista sofre os efeitos nocivos do preconceito, em relação à vida que leva, mas não se coloca em posição de inferioridade às demais personagens, até mesmo das mulheres conservadoras. Verifica-se a presença marcante da personagem nas ações do conto, desencadeando possibilidades para se discutir o percurso da mulher ao longo do tempo, confrontando (e contrastando) o sagrado com o profano. O narrador, por sua vez, conduz o leitor nessa viagem, em uma odisseia que desnuda a sociedade, seus vícios e preconceitos. Maria Madalena, em “Luxúria”, é uma mulher de alta psique, cuja densidade revela um mundo em crise, no qual o homem moderno precisa lidar com o isolamento e a solidão. A personagem e suas atitudes potencializam duras críticas ao modelo patriarcal imposto a muitas mulheres no decorrer dos séculos, com convenções que as subalternizam no meio social, muitas vezes silenciadas de forma dramática e violenta. Diversas exemplaridades literárias, principalmente na literatura moderna e contemporânea, fazem a representação de algumas mulheres transgressoras, distanciando-se do conceito tradicional de mulher, aquela recatada que deve



ser educada para se casar. Com isso, abrem-se novas possibilidades, a partir da ficção, para uma discussão e difusão de paradigmas, nos quais as mulheres tornam-se protagonistas de seu espaço e tempo histórico.

2. Abrindo o Baú: O Baú de Pecados

Baú de Pecados apresenta narrativas temáticas, permitindo construir intertextualidades com mitos, mitologias, lendas e credences populares que habitam algumas literaturas e culturas como, por exemplo, o mito de Medeia e Prometeu, na mitologia pagã, e Adão e Eva, na cristã. São contos que mexem com a imaginação do leitor e, sem dúvida, afloram sentimentos diversos, capazes de conduzi-lo à reflexão da vida e do mundo. A parte II do livro congrega narrativas que recuperam a temática dos sete pecados capitais: luxúria, ira, preguiça, avareza, gula, inveja e soberba, pecados esses potencializados em personagens comuns do cotidiano, a partir de traços característicos de personagens da mitologia pagã ou cristã. Os contos articulam psiquismo e historicidade, referências sagradas e ações de seres sobrenaturais que se continuam no mundo profano dos homens. Os enredos envolvem o leitor, fazendo-o reviver também alguns aspectos da tradição religiosa e do imaginário popular.

Baú de Pecados pode ser dividido em três partes para melhor compreensão temática. Na primeira parte, “Mitos”, são criadas narrativas a partir de referências da mitologia grega, envolvendo personagens densos, tais como: Pandora, Zeus, Epimeteu, Prometeu, entre outros. Essas narrativas apresentam a personagem Pandora como protagonista e, ao mesmo tempo, antagonista das tramas, demonstrando os efeitos nocivos da curiosidade naqueles períodos da negação da ciência e também a força do



patriarcado na sua vida, pois Zeus fez com ela aquilo que bem lhe convinha, como se fosse uma peça altamente manipulada. Ela recebe de Zeus um colar de esmeraldas que havia sido de Prometeu, mas o colar tinha que ficar guardado em uma ânfora que jamais poderia ser aberta, pois caso fosse todas as pragas do mundo seriam libertadas. Criada por Zeus pelo mesmo barro no qual o homem seria criado, Pandora continha humanidade e, não resistindo a tamanha curiosidade, sentimento próprio de humanos, um dia abriu o objeto, lançando ao mundo o desafio de novas descobertas que pudessem amenizar os impactos dos males libertados e que passaram a assolar a vida humana. Vejamos:

[...] As mãos de Pandora estavam sobre a tampa da ânfora.

Abriu-a.

Com força descomunal, os pecados e as doenças lançaram-se violentamente para fora. Ouviu-se uma grande explosão e, em fração de segundos, tudo era o caos. Percebendo o grande erro, tampou o recipiente. Porém, a infeliz conseguiu preservar apenas a esperança, que ela própria depositava naquela prisão de desventuras.

Pobre esperança!

Cruel Pandora! (SILVA, 2020, p. 18)

Percebe-se, portanto, que tomada pela curiosidade Pandora consegue abrir a ânfora e, por esse ato, sofre duras consequências, sendo proibida de entrar no Olimpo; amaldiçoada, teve o útero seco, sem possibilidade de procriação. Ela é, então, um exemplo de mulher transgressora numa sociedade patriarcal, governada por homens.

Essa narrativa desencadeia conexões com outros contos do livro e promove a intertextualidade com diversos textos que estão na esfera do mito, sagrado e profano, nos diversos espaços e tempos históricos.

Na segunda parte, denominada “Mitologia”, são trabalhados os Sete Pecados Capitais. Nessa parte, as personagens trazem nomes



conhecidos da mitologia, cujo enredo envolve acontecimentos do cotidiano social. São personagens que potencializam (ou representam), em cada conto, um pecado. As histórias se desenvolvem em narrativas curtas e sempre motivam a discussão de uma temática, identificável pelo leitor na articulação dos elementos do texto.

Nos contos de ficção de Agnaldo, o leitor pode se sentir como um personagem da história, pois são trabalhados sentimentos peculiares dos seres humanos, desencadeando a identificação deste com as personagens, suas derrotas, perspectivas e desafios. Percebe-se que as personagens trazem consigo a necessidade de cultivar sentimentos que as conduzam à provável redenção, um objetivo que se dilui gradativamente devido as dificuldades das relações interpessoais. Inveja, gula, luxúria, avareza, ira, soberba e preguiça tornam-se os grandes desafios para que, superados, haja a gradação do profano para o sagrado. No entanto, as personagens parecem escravizadas, vencidas pela fragmentação e solidão, características peculiares ao homem moderno. O resultado são personagens fragilizadas e infelizes que não alcançam o sucesso nas suas perspectivas, uma representação de grande parcela da sociedade, pois são seres de papéis que carregam consigo os problemas comuns do ser humano. Pensadas por um escritor masculino, as personagens femininas têm particularidades que nos levam a pensar nos desafios do tempo atual, em relação à igualdade entre os sexos, assim como os avanços que as mulheres conquistaram nas últimas décadas.

Na última parte do livro estão as narrativas produzidas a partir do imaginário popular. Os enredos articulam as memórias da infância e juventude das personagens, recuperando fatos marcantes de suas vidas. Na análise dos textos, percebe-se uma aproximação entre as histórias narradas e



a vida particular pregressa do escritor, pois as pistas deixadas levam a crer que ele ficcionalizou algumas de suas próprias memórias. Com isso, os contos da terceira parte da obra constituem-se em narrativas autobiográficas, pois representam fragmentos de momentos provavelmente vividos pelo autor, contextualizados na cidade de Cáceres, interior do Mato Grosso.

Agnaldo, portanto, reconta lendas de Cáceres, sua cidade natal. Descreve os espaços que são lugares comuns e conhecidos por todos que moram no município, levando-os a vivenciar as histórias com mais intimidade. O autor escreve sobre suas memórias, onde as personagens revivem fatos importantes, possibilitando-nos assim, conhecer um pouco das suas memórias e de sua história. As fronteiras entre o público e o privado tornam-se sutis, pois as personagens apresentam nuances que se entrelaçam com a vida do escritor e com a de seus concidadãos.

3. Maria Madalena e o Pecado da Luxúria

Ao analisar o percurso histórico da mulher em algumas sociedades, pode-se notar que a figura feminina, a princípio, sofreu e ainda sofre muitas interferências do meio em que vive, aspectos que definem a sua posição social no seu grupo de referência. Na antiguidade, em sociedades predominantemente patriarcais, a mulher era sempre representada na condição de submissão ao homem, em que a presença masculina predominava em todas as decisões. Cabia a mulher apenas obedecer e respeitar, sendo-lhe negada uma evolução intelectual, assim como uma projeção no mundo do trabalho. A mulher ideal era aquela criada para casar, ter filhos e cuidar do lar. Os pecados capitais são para nós como um conjunto de todos os vícios. Eles estão na origem de todas as ações pecaminosas



conhecidas. Neste universo temos uma mulher na representação deste pecado no conto em análise. Abordaremos o pecado da luxúria, que como sabemos, é a busca excessiva dos prazeres sexuais.

“Luxúria” (2020) é um conto que prestigia a personagem feminina, ainda sufocada pelas convenções sociais e religiosas de um mundo excludente. Para análise do *corpus*, tomar-se-á, como suporte teórico, as ideias de Carlos Reis, escritor que trabalha a personagem sobre a perspectiva da figuração. Para ele:

Em termos gerais, o conceito de *figuração* designa um processo ou um conjunto de processos constitutivos de entidades ficcionais de feição antropomórfica, conduzindo à individualização de personagens em universos específicos, com os quais essas personagens interagem. Tal individualização verifica-se sobretudo em contextos narrativos e em contextos dramáticos, mas acontece, igualmente de modo residual, em contextos de enunciação poética; passa-se isto, em especial, quando estão em causa composições dotadas de um certo índice de narratividade. (REIS, 2015, p. 121 e 122)

Maria Madalena, protagonista do conto, é uma representação de mulheres “transgressoras”, uma vez que ela não se encaixa nos padrões sociais que o patriarcado estabeleceu nas diversas sociedades. É uma personagem que revela peculiaridades de mulheres que contestam regras e vivem conforme suas vontades, mesmo inseridas em contextos em que os padrões morais são duramente cobrados, a exemplo de cidades do interior, onde a religiosidade ainda influencia a cultura. No conto, a figuração faz referência a outra mulher, que em outro tempo também desafiou a sociedade, a Maria Madalena bíblica.

Em um lugar tão pequeno, onde faltam novidades, falar dos outros era um modo de preencher o tempo, driblar o calor e achar assunto onde não havia mais. Maria Madalena, era um dos nomes preferidos, principalmente daqueles que se



autodenominavam guardiões da moral e do bom costume.
(SILVA, 2020, p. 41)

Maria Madalena, no contexto do conto, é constante assunto na cidade e, principalmente, na boca dos homens, pois, traz consigo muita sensualidade e volúpia, característico de mulher atraente, que faz aquilo que deseja fazer. Como mora em uma cidade pequena e pacata, a narrativa deixa evidente a cobrança em relação ao comportamento da mulher, deixando a protagonista em desacordo com as normas estabelecidas. As mulheres que não se enquadravam nos padrões, certamente sofriam as críticas e eram excluídas do meio, ficando na marginalidade. A protagonista potencializa essa marginalização, a solidão e o medo de confrontar a convenção religiosa. A pedra que estilhaça o vidro da janela é uma alusão à pedra que outrora seria jogada em Maria de Madalena, no contexto do *Novo Testamento*. E, por isso, “uma lágrima desceu por um dos olhos” (SILVA, 2020, p. 44) da personagem, mantendo-a enclausurada no útero de sua casa.

No *Novo Testamento*, Maria Madalena pode ser considerada transgressora para aquela época. Prostituta, essa personagem histórico-cristã foi salva do pecado pelo Messias que, segundo a narrativa sagrada, lhe deu vida nova. Desde então, Madalena passa a seguir o mestre, dando margem à muitas versões de sua vida, além de inspirar muitas narrativas literárias, nas mais diversas partes do mundo. Tem papel de destaque na história da humanidade por ser citada na bíblia algumas vezes e também por ser uma mulher de atitude. No conto de Agnaldo, a protagonista apresenta algumas características que a aproxima da personagem bíblica, continuidades que seguem para além do nome. A Madalena agnaldiana é uma mulher ousada, desafiadora, que gosta de viver a vida, mesmo que para tal tenha que se privar da convivência em alguns espaços, em particular, o religioso. Para



além da ficção, essa personagem reverbera tipos de pessoas da vida real, que vivem o conflito entre o querer ser e a castração de suas vontades/ desejos. Para o escritor Carlos Reis:

Conforme parece claro, a vitalidade das personagens, potenciada por sucessivos atos de figuração, é indissociável de propósitos de ordem ética, moral e ideológica; esses propósitos beneficiam da autonomização das ditas personagens e levam a dilatar consideravelmente as virtualidades semântico-pragmáticas que elas encerram. São essas virtualidades que nos desafiam a conviver com personagens ficcionais que não abolimos da nossa memória, mesmo quando muito daquilo que no seu tempo parecia importante já desapareceu. (REIS, 2015 p. 37)

A personagem do conto é uma prostituta, considerada bonita e atraente. A Maria Madalena bíblica está potencializada na protagonista de “Luxúria”, em toda sua complexidade e psiquismo. No entanto, a personagem adquire nova significação, a partir do espaço e contexto histórico destas primeiras décadas do século XXI, levando ao debate novas situações-problemas. Entre semelhanças e dessemelhanças, aproximações e distanciamentos, rupturas e continuidades, pode-se observar no fragmento abaixo algumas nuances entre as madalenas:

Era bonita, desejada, e acima de tudo sem-vergonha e, por isso, se deixou cair no desequilíbrio, na perversão. Estava pronta, era preciso ter coragem. Antigamente, em Magdala, uma prostituta teve a chance da regeneração, por que ela não teria? Com ela, não poderia ser diferente, pois alcançaria a redenção em vida; era jovem e tinha uma vida inteira pela frente, poderia transformar positivamente os seus atos [...] (SILVA, 2020, p. 42).

Percebe-se que a protagonista de “Luxúria” gosta de viver a vida que leva, mas deseja, no seu mais profundo sentimento, a salvação, pois expressa o desejo de ir à missa, ser aceita e, por isso, vive todas as sensações



de limpeza espiritual, de reencontro com sua alma pura e livre de pecados. Mas não consegue sair desse estado de imaginação a que se pega em determinados momentos, como se passeasse entre o mundo real e o ficcional, como veremos a seguir:

Uma água límpida vazava pelo espelho.
- Os olhos são espelhos da alma- sussurrou.
Soltou os cabelos e se imaginou numa cachoeira.
Solitária.
Havia bichos a observá-la. Mas, gradativamente, foram se metamorfoseando em homens.
Espreitando.
Rosnando.
Babando.
Trincando os dentes.
Saíam, animais! Saíam!- gritou com os dentes cerrados, como se aqueles bichos estivessem muito próximos.
Em êxtase a moça deixava-se dominar pelas paixões... (SILVA, 2020, p. 43)

Percebemos uma personagem que deixa transparecer dois aspectos de sua individualidade, uma de mulher transgressora e outra de mulher redimida, que deseja salvar-se do mundo das impurezas. Para composição desta personagem, o escritor utiliza diversos elementos narrativos, envolvendo referenciais cromáticos que variam entre o vermelho, o preto e o branco. Trata-se de cores escolhidas para adornar algumas possibilidades enunciativas dos cenários construídos para as tramas, atribuindo densos significados aos cenários e figurinos, a exemplo do vestido vermelho e do batom cor de cereja. Podemos remeter à cor vermelha a paixão, o calor, a intensidade; ao preto o luto e a dor; e ao branco a simbologia da paz tão sonhada e desejada pela mulher. Sendo assim, ajudam a promover o impacto desejado nas situações psicológicas em que a personagem está envolvida. Vê-se essa relação no excerto a seguir: *“Trajada com um vestido vermelho-fogo, que se aproximava um pouco ao scarlet...”* (SILVA, 2020, p. 41).



Notamos a força das cores sempre presentes nos contos de Agnaldo Rodrigues e isso faz um diferencial à sua escrita. O escritor tem a sua disposição todas as alternativas possíveis de criar e moldar sua personagem à sua maneira, abrindo espaços para sua figuração na narrativa como deseja.

Passo da questão da figuração à questão da sobrevivência. Reporto-me, assim, ao que considero ser uma deriva ontológica, às vezes mais ousada do que pensamos, quando a personagem trata de “migrar” do mundo ficcional para o mundo real. A personagem ganha então, em relação à figuração original, uma existência própria, deduzida, numa perspectiva fenomenológica, da chamada vida da obra literária. (REIS, 2015, p. 134)

Usando a liberdade de escrita, o autor pode moldar toda sua trama, a personagem tem a importância que ele der, sua criação passa a existir em um ambiente preparado pela mente do autor. Ela, a personagem, torna-se

viva dentro de um texto, parte importante que fará o enredo se desenvolver dentro das expectativas do texto narrativo. O que será, o que fará, será determinado pelo envolvimento com a trama. Podemos trazer a realidade para dentro da ficção, envolvendo o cotidiano com naturalidade dentro da obra literária. No conto em análise, Maria Madalena é a protagonista que permeia o campo da ficção e o da realidade, pois está inserida num campo ficcional onde a representação da realidade é apresentada por suas ações. Ela é uma mulher de vida fácil, sabemos disso através do narrador onisciente, que nos apresenta esse contexto. O narrador dá pistas ao leitor para que ele possa conhecer mais a fundo a personagem, criando certo retrato psicológico. Ele nos apresenta uma personagem que dialoga consigo mesma, deixando o leitor por dentro das suas reflexões e com possibilidades de conhecer de perto suas inquietações e



particularidades. Cria-se, na trama, o contraponto entre a imaginação e a realidade, permitindo articular a historicidade com a vivência humana.

A narrativa é preenchida por elementos narrativos alucinantes e buscas incessantes de fuga de uma realidade, posta à maneira do escritor que vive na contemporaneidade.

Na medida em que se acentua o valor estético da obra ficcional o mundo imaginário se enriquece e se aprofunda, prendendo o raio de intenção dentro da obra e tornando-se, por sua vez, transparente a planos mais profundos, imanentes à própria obra. Só agora a obra manifesta todas as virtualidades de “revelação” — revelação que não se deve confundir com qualquer ato cognoscitivo explícito, já que é em plena “imediatez” concreta que o mediado se revela, na individualidade quase-sensível das camadas exteriores e na singularidade das personagens e situações. (CANDIDO, 1968, p. 33)

Naquele movimento de imanência e transcendência que a obra literária permite, é possível discutir algumas questões históricas, tomando alguns elementos de “Luxúria”. As atitudes machistas que ainda persistem na atualidade, as agressões físicas e psicológicas contra as mulheres, a subalternização delas em diversas sociedades, e tantas outras questões reverbera a sociedade excludente na qual vivemos, em que as mulheres ainda lutam para conquistar seus direitos de igualdade, em relação aos homens. O conto promove a representação de uma mulher que vive as dificuldades e os desafios do mundo contemporâneo, assim como tantas outras da vida real. Ainda hoje muitas mulheres aceitam esse papel subalterno, porque são dependentes financeiramente do esposo ou até mesmo por outros motivos. Outras vivem à margem da sociedade como a personagem do conto agnaldiano que, mesmo diante de situações de violência, não consegue se libertar das regras sociais impostas, de modo que



o contraponto ficção/história torna-se inevitável na narrativa. A literatura, portanto, demonstra a sua face amplamente empenhada, levando ao leitor provocações em aberto que possam suscitar novos debates e denúncias sociais e culturais.

Para os efeitos da presente análise, dou atenção particular à figuração narrativa, pela relevância que lhe é própria, na vasta tradição ocidental de relatos em que a personagem ocupa lugar de destaque. Assim, sendo um processo ou um conjunto de processos, a figuração é dinâmica, gradual e complexa. Isto significa três coisas: que normalmente ela não se esgota num lugar específico do texto; que ela se vai elaborando e completando ao longo da narrativa; e que, por aquela sua natureza dinâmica, a figuração não se restringe a uma descrição, no sentido técnico e narratológico do termo, nem mesmo a uma caracterização, embora esta possa ser entendida como seu componente importante. (REIS, 2015, p. 122)

Como se percebe em “Luxúria”, a personagem tem papel de destaque e mostra-se amplamente influenciada pelo meio social no qual vive. O querer ser e a castração desse querer são aspectos que criam os conflitos psicológicos na personagem, pois, “Não conseguia afastar os pensamentos pecaminosos; esforçava-se, porém fraquejava” (SILVA, 2020, p. 44). Interiormente, a protagonista vivia uma explosão de sentimentos e emoções que demonstravam sua fragilidade, encoberta por sua personalidade forte; no final do conto, percebe-se uma personagem que, sem opção de vida melhor, decide manter tudo da forma como estava, talvez contaminada pelo medo do preconceito. No fragmento: “Estou parecendo uma vagabunda” (SILVA, 2020, p. 44), ela incorpora a aceitação da convenção social e religiosa que não a concebia como uma mulher de bem. Há, contudo, a vontade de emergir daquele mundo de dificuldades e enfrentar os obstáculos, pois Maria Madalena é uma personagem que deseja ser amada e valorizada por suas qualidades e virtudes. Sem incentivo,



amigos e oportunidades, está submersa num clima de tensão, de modo que ela sofre as consequências de suas escolhas. No conto em análise, portanto, a vida da protagonista é representada de forma provocadora, sem ocultar detalhes, revelando, assim, um paradoxo entre a imaginação e a realidade, a ficção e os aspectos da história oficial. O leitor, no mergulho que faz na narrativa, tende a viver com a personagem a opressão física e psicológica, historicamente registrada nas sociedades. Percebe-se que a protagonista transita entre a obediência e a pretensa rebelião (imaginação), desencadeando uma trama psicológica intensa, potencializada em um drama repleto de particularidades do mundo feminino.

O clima de desconforto é gerado na trama e isso, sem dúvida, incomoda o leitor. A pressão psicológica que a personagem vive, bem como as suas reflexões e devaneios são gatilhos que lançam questionamentos sobre a posição da mulher nestes primeiros anos do século XXI, suas conquistas e desafios. Maria Madalena é um ser dinâmico na narrativa, pois ela vive as emoções e sentimentos que uma mulher na vida real, naquela situação, poderia viver.

Entretanto, a discussão sobre o papel da mulher na sociedade nos leva a pensar na importância que a literatura desempenha em nossas vidas, fazendo com que a ficção atrelada a realidade discuta assuntos tão atuais e relevantes em nosso meio, como é o caso da temática da mulher, que ganha cada vez mais destaque nos estudos pós-coloniais e na sociedade moderna. Sendo um assunto que necessita de ser investigado com seriedade e muita responsabilidade para que as mulheres finalmente ocupem o lugar de destaque na sociedade que tanto almejam e merecem. O autor consegue construir uma personagem densa, capaz de minar no leitor sentimentos



Vol. 22, nº 1 (2022)

profundos que poderiam, a exemplo das tragédias modernas, purgar os sentimentos para, enfim, repensar seus medos e preconceitos.

4. Referências

CANDIDO, Antonio. et al. **A personagem de ficção**, 2^a. ed. São Paulo: Perspectiva. 2009. (Coleção debates; I/dirigida por J. Guinsburg).

SILVA, Agnaldo Rodrigues da. **Baú de pecados**. 1^o edição. Cuiabá-MT: Carlini & Carniato Editorial, 2020, 96 p.

REIS, Carlos. **Pessoas de livro: estudos sobre a personagem**. 2^a ed. Imprensa da Universidade de Coimbra. 2016.

SIGNIFICADOS, RELIGIÃO, **Origens dos 7 pecados capitais**: <https://www.significados.com.br/origem-dos-7-pecados-capitais/>. Acesso em: 02 Fev 2022.